

MARÇAL TUPÁ'I

Morte lembrada com união

O líder Guarani Marçal de Souza, Tupá'i, não morreu. Continua presente na luta de seu povo. Para marcar um ano da morte do líder, seus irmãos fizeram uma assembleia nos dias 24 e 25 de novembro, em Dourados, MS. Mais de 80 líderes, "capitães", e conselheiros estavam reunidos, rendendo homenagem àquele que é lembrado em cada luta. Havia também representação dos Terena, da região de Miranda e Aquidauana, também no Mato Grosso do Sul, dos Guarani de Ocoi, no Paraná, e da Barragem, periferia de São Paulo. Foram dois dias de intensas discussões, encerradas com uma celebração ecumênica na lotada Catedral de Dourados.

Por que os assassinos de Marçal continuam impunes? A toda hora voltava essa pergunta na assembleia fechada à participação de "brancos" e onde quase todos se comunicaram apenas em guarani. Somente no final do encontro, o deputado Sérgio Cruz (PMDB-MS) e membros de entidades de apoio que atuam na região, tiveram uma hora para falar.

O segundo ponto destacado na reunião, que contou com a participação de representantes das 14 aldeias da região de Dourados, foi a questão das terras. Os líderes exigiram a demarcação de cinco áreas — Paraguaçu, Piracua, Jaquapira, Serrito, Panambi e Panambizinho — além da redemarcação de todas as áreas do Estado, pois, segundo eles, quando delimitadas foram diminuídas. Marcaram ainda um prazo para que seja feita a demarcação das cinco aldeias. Se até 30 de abril o trabalho não for feito, "nós índios Guarani e Kayowá nós

mesmos vamos tomar providência pra demarcar as áreas indígenas", declararam em um documento feito durante a assembleia e endereçado ao presidente da Funai.

Durante a celebração em homenagem a Marçal, que encerrou a assembleia, o primo do líder assassinado, Nenito Guarani, ofertou o colar dele, dizendo que significava a "união das tribos", pretendida por Tupá'i. Afirmou ainda que os assassinos pensaram acabar com essa união ao matar Marçal, mas isso não aconteceu. Edna da Silva Souza, uma das filhas do líder morto em 25 de novembro do ano passado, confirmou a continuidade da luta de seu pai, participando ativamente de toda a programação.

A luta de Marçal continua. O legado que deixou foi assumido por seus irmãos. Na assembleia, uma grande decisão foi tomada: lembrar da luta de Marçal a cada ano com a organização. Todo dia 25 de novembro haverá, em Dourados, uma grande assembleia do povo Guarani.

Marçal não será lembrado somente pelos Guarani. Sua luta atravessou as fronteiras de Mato Grosso do Sul. Em Brasília, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), com o apoio de diversas entidades e moradores da cidade, promoveu a "Semana Marçal Tupá'i". Além de filmes e debates em vários locais, correu, durante a programação, um abaixo-assinado exigindo a punição dos criminosos.

Em Itapuranga, Norte de Goiás, Marçal foi lembrado com a celebração de uma missa, no dia 25, por Dom Tomás Balduino. Também lá a população exigiu apuração do assassinato brutal através de

um abaixo-assinado. Em São Paulo, o aniversário de morte do líder indígena foi marcado por um debate sobre violência contra os povos indígenas no dia 21 de outubro, na Faculdade de Teologia de Ipiranga. Ailton Krenak da União das Nações Indígenas (UNI) e Benedito Prêzia, secretário-adjunto do Cimi, coordenaram os debates.

Transcrevemos abaixo uma carta assinada pelas lideranças participantes do encontro em Dourados.

CARTA AS AUTORIDADES RESPONSÁVEIS

Aos 24 e 25 do mês de novembro de 1984, as comunidades indígenas das Reservas de Dourados (Guarani e Kayowá) e uma representação terena da região de Miranda estiveram reunidos na Catedral de Dourados, para homenagearem o finado Marçal Tupá'iy Guarani pela morte brutal deste nosso irmão, que deu a vida para que seu sangue se tornasse para nós como uma semente de coragem, amor à raça e garra pela causa indígena. Sua morte não surtiu o efeito que covardes assassinos desejavam em amortecer a causa indígena. Ao contrário, assim como a morte de Cristo foi o início de ânimo para os apóstolos, a morte de Marçal Guarani nos tornou mais unidos, mais fortes, nos deu mais coragem para lutar e com ele vamos vencer.

A morte de Marçal de Souza não foi um fim, mas sim início de uma nova vida, de coragem e força para lutar e com ele vamos vencer.

Hoje, neste dia 25 de novembro de 1984, aniversário de sua morte, morte que gerou a vida, nós Guarani, Kayowá e Terena pedimos e exigimos que o seu desejo seja realizado: a demarcação, legalização e retirada dos invasores de todas as áreas indígenas.

Exigimos também esclarecimento correto, honesto sobre o assassinato de nosso irmão Marçal, que até hoje continua falso e obscuro.

Exigimos tomada de providência urgente sobre o andamento dos processos sobre a morte dos nossos líderes.

Queremos que as autoridades responsáveis assumam esse compromisso conosco, porque somos "gente" que queremos que seja feita a justiça merecida, e que esse caso triste, doloroso, acorde a consciência adormecida dos "grandes" que podem fazer muito, mas nada fazem para que a verdade sobre o assunto venha a público.

Esperamos já há um ano e hoje exigimos que as providências acima referidas sejam tomadas o mais rápido possível e por ser verdade o que exigimos assinamos na certeza de sermos atendidos.



Marçal, em antiga foto com a família

"Um dos muitos crimes políticos indesvendáveis"

"Eu sou uma pessoa marcada para morrer. Mas, por uma causa justa, a gente morre. Alguém tem de perder a vida por uma causa". Marçal de Souza Tupá'i proferiu essas palavras em junho de 1980. Dia 25 de novembro de 1983, aos 63 anos de idade, ele foi barbaramente assassinado, na aldeia de Campestre, município de Antônio João, MS. Um ano depois do crime, nem processo foi aberto e os assassinos estão à solta. No Mato Grosso do Sul, há cumplicidade em todos os cantos. Latifundiários, jagunços, políticos inescrupulosos e governo dormem tranquilos, pois, como diz Edna Silva de Souza, uma das filhas de Marçal, esse poderá ser "um dos muitos crimes políticos indesvendáveis por falta de provas".

Quem matou o líder Guarani-Nhandeva que trabalhava como enfermeiro na aldeia de Campestre? A pergunta está no ar. Muitos já se esqueceram do crime ou das circunstâncias que envolveram o não-desvendamento. Mas os irmãos de Marçal ainda esperam a solução. Alguns envolvidos tentam ocultar ou fazer a opinião pública não lembrar o crime. Proibem notícias sobre o caso, censuram depoimentos em jornais da televisão local. Mas não conseguem calar a voz forte de Marçal. Sua luta será sempre lembrada. Hoje, em uma assembleia dos

índios de MS, amanhã em muitas lutas e encontros. Todos sentem a falta daquele que era o organizador de tantas assembleias, daquele que levou ao Papa, em 1980, em Manaus, o sofrimento dos povos indígenas no Brasil, em um discurso inflamado que emocionou a todos.

"É preciso que nos façamos fortes. Unam-se e tacam-se fortes". Ninguém diz isso em vão. As palavras de Marçal não foram vãs. Estão cravadas na mente de seus irmãos Guarani, tão espezinhados em vários pontos do País e da Ameríndia. Ne-E (palavra e alma em guarani), como era chamado, afirmava só ter uma tristeza na vida: o fato de estar bastante idoso. "Eu queria ser um moço bem novo, com todas as forças que tive em minha juventude", disse, um mês antes de morrer, ao poeta e pesquisador Heitor da Pedra Azul (a entrevista foi publicada postumamente, no *Jornal do País*, edição nº 32, de novembro pp). "Eu gostaria de ter tido antes essa consciência, este amor que tenho agora em meu coração, agora nesta idade avançada".

Tupá'i acreditava num futuro melhor para os índios, pois dizia que "levantarão outros que terão o mesmo idealismo, que continuarão o trabalho que hoje nós começamos". Na mesma entrevista, ainda, deixou, profeticamente, o legado de sua luta aos irmãos índios: "Isto eu deixo pra vocês".



Líderes assinam documento exigindo punição para criminosos

Tiros de Campestre

Marçal Tupá'i Guarani - te enterraram com os pés para o nascente (como a pedra fundamental numa igreja); morto, ainda aponta o caminho da vida, indelével faro, farol da Terra-sem-males, palavra penhorada aos índios sem terra que os tiros de Campestre não calaram.

(Paulo Suess)

Guarani MS